

PEDRO HENRIQUE E O PÉ-DE-CASTANHA

Apresentação

Essa é uma história de amizade entre um menino e um cajueiro que lhe traz boas lembranças de seus primeiros anos de infância. Trata-se do valor que tem as pequenas coisas na fase de desenvolvimento de uma criança e de como é importante o contato com a natureza, especialmente para as crianças que vivem na cidade.

Durante as visitas que faz ao sítio de seus avós, pequenas situações vão se transformando em aventuras para o garoto Pedro Henrique de forma que ele nem percebe que, paralelo ao seu divertimento, a situação financeira de seus avós muda e eles têm que vender o sítio, fazendo com que Pedrinho tenha que se afastar de sua árvore preferida, a qual lhe faz lembrar uma história sobre um certo “pé-de-castanha” que, posteriormente, vem a ser contada em sala de aula como uma situação engraçada que aconteceu durante suas férias.

1 O sítio da avó

Pedro Henrique ainda era um bebê quando seus pais o levaram para conhecer o sítio da avó. Queriam que ele tivesse contato com a natureza e com os bichinhos do sítio e que conhecesse coisas diferentes daquelas que Pedrinho via na cidade grande.

Era tudo muito interessante. Poder se sujar de terra, arrancar os pés-de-mato e observar os bichinhos, brincar com o cachorro do avô. Pedrinho sorria e se divertia.

Em uma de suas brincadeiras, Pedrinho encontrou um objeto estranho: era uma castanha de caju. Gostou do formato e do tamanho daquela coisa que lhe enchia a pequena mão. Levou ao nariz para cheirar (não tinha cheiro). Será que tinha gosto? Levou à boca.

Nesse momento, sua mãe que a tudo observava, correu e tomou-lhe a castanha.

- Não pode morder, isto é uma castanha e “queima” a boca. Vou jogar fora!

Pedrinho abriu o xororô, queria seu novo brinquedinho e o pedia insistentemente.

Vendo que causaria um transtorno maior se jogasse fora a castanha, a mãe resolveu devolvê-la. Mas, com uma advertência: se colocasse na boca ela a tomaria.

Pedrinho nem prestou atenção no que ela disse. Queria seu novo brinquedo. Mas, por via das dúvidas, colocou a castanha no bolso. Ali estaria mais segura.

Dali a pouco, o avô e a avó resolveram mostrar o sítio. Fariam um passeio.

Pedrinho pensou: tudo bem, adoro passear, só não quero que peguem minha castanha.

Lá foram passear pelo sítio. Viram primeiro os currais onde ficavam os animais. Pedrinho reparou que eram três. Um para as vaquinhas, um para as cabras e ovelhas e outro para os porcos. Pedrinho só não gostou muito do cheiro, principalmente do curral dos porcos. O chão estava cheio de cocô-de-bicho. Será que ninguém limpava o chão do curral?

Por trás da casa de farinha, tinha uma roça onde o avô plantava milho, feijão, melancia e abóboras. Sempre tinha alguma coisa para colher. Foram todos lá para ver.

O pai de Pedrinho convidou a todos para irem ao poço. Sua mãe dizia que o nome certo era cacimba. Quase que discutiam pelo caminho: É poço! (dizia o pai). É cacimba! (dizia a mãe). A avó, com toda a sua paciência, vendo que aquela discussão ia longe, resolveu por fim na querela:

- Poço ou cacimba, tanto faz!

Pedrinho nem se quer prestava atenção na discussão. Estava maravilhado com o que via pelo caminho. Tinha muitas árvores, bichos e pássaros a cantarolar. O cachorro do avô se divertia correndo atrás dos passarinhos que pousavam pelo caminho.

Chegaram ao poço (ou à cacimba, como queiram). Era fundo.

O avô puxou água com um balde, amarrado por uma corda.

- Vejam que água pura e cristalina! Disse o avô se refrescando um pouco, jogando água no rosto.

Ao redor do poço, havia uma cerca de proteção para afastar os animais. O avô não queria que os animais caíssem no poço. Além do mais era dali que eles pegavam água para beber, não podiam deixar os bichos sujar a água.

Ali também tinha uma pequena plantação de legumes e outras folhas que Pedrinho não conhecia. Era o orgulho da avó, ao qual ela dava o nome de “canteiro”.

- Vejam como estão verdes minhas verduras e legumes. Veja Pedrinho quantas folhas gostosas a vovó vai colocar na comida!

Eu, hein? (Eu é que não gosto de comer folha, pensou Pedrinho).

Na volta, todos pararam a meio caminho de casa para observar os lugares em que não iriam mais passear, pois estavam cansados e a avó queria apressar o almoço.

Enquanto o avô apontava para o horizonte para mostrar o tamanho de suas terras, a mãe de Pedrinho, que estava cansada de carregá-lo no colo, o colocou sobre o tronco de uma árvore. Quando o pegou de volta, Pedrinho percebeu que algo havia caído de seu bolso. Ao saber do que se tratava Pedrinho começou a chorar. Queria sua castanha de volta.

Sua mãe, que não queria saber dele brincando com a castanha, pois sabia que ele a levaria à boca, resolveu aproveitar o ensejo e acabar com aquilo de uma vez:

- Deixe essa castanha para lá. Ela vai queimar a sua boca!

Pedro Henrique não entendia. De novo essa história de que a castanha ia queimar sua boca. Como pode? Afinal, o que tem dentro de uma castanha? Será que é fogo? De qualquer forma não se importava com o que tinha dentro, queria sua castanha de volta. Foi o maior xororô!

A mãe insistia que era perigoso, que o que tinha dentro queimava a boca feito fogo.

O pai e o avô preferiram não se manifestar sobre os motivos do choro do menino. Foi necessária a intervenção da avó. Ela propôs uma solução, fariam um trato:

- Pedrinho, vamos fazer o seguinte: vamos plantar, aqui, a sua castanha e da próxima vez que você vier visitar a vovó vai ter aqui uma árvore bonita para cuidar e ver crescer, ok?

Pedrinho não gostou muito da idéia, mas viu que seria difícil conseguir sua castanha de volta, já que somente a avó parecia está do seu lado. Meio relutante, resolveu fazer um último apelo à avó:

Mas... E a castanha? Não veria mais a sua querida castanha?

A avó percebeu que se falasse a coisa certa poderia fazer parar o choro do netinho.

- Pedrinho, quando se planta uma semente, nasce e cresce uma árvore. Esta põe flores e nascem frutos e novas sementes. É assim quando se planta um caroço de manga: nasce um pé-de-manga. A semente de goiaba, faz nascer o pé-de-goiaba. Da semente de laranja, nasce o pé-de-laranja. Com a sua castanha também vai acontecer o mesmo: vai nascer um pé-de-...

- Já sei vovó, vai nascer um pé-de-castanha!

Todos riram com o raciocínio de Pedrinho. Ele é que não entendeu o motivo da piada. Ora, se para tudo que se planta nasce um pé-disso ou pé-daquilo, plantando-se a castanha nasce um pé-de-castanha. Ou não é?

Para não contrariá-lo e para dar um fim naquela situação e voltar logo a seus afazeres, todos concordaram. A avó foi a porta-voz:

- Sim, Pedrinho, vai nascer um “pé-de-castanha”.

E plantaram o tal pé-de-castanha.

Ao voltar para casa, a avó providenciou o almoço e conversaram sobre muitas coisas enquanto comiam. Mas, nada que chamasse a atenção de Pedrinho. Ele viajava em pensamentos. Imaginava como seria um pé-de-castanha. Seria uma árvore grande? Teria muitos galhos? Uma grande sombra? Ficou horas a imaginar como ficaria a árvore que ajudou a plantar.

No fim da tarde, seus pais se despediram de seus avós. Era hora de voltar para casa. Sentia uma certa angústia por deixar para trás aquilo que seria sua árvore preferida. Para tranquilizar o neto, a avó veio lhe avisar:

- Não se preocupe Pedrinho, vovó vai cuidar do seu “pé-de-castanha” até você voltar. Aquelas palavras o tranquilizaram, podia partir sossegado.

2

Outra vez no sítio

Passado algum tempo, Pedrinho foi novamente com seus pais visitar os avós.

O sítio já não era mais o mesmo. O avô parecia preocupado, andava meio cabisbaixo. Eram poucos os animais nos currais, quase nenhuma as plantações no quintal. A avó brincava: era o “tempo das vacas magras”. Pedrinho não entendia, pois as vacas que restaram nem eram assim tão magras. Mas deixa para lá (pensou Pedrinho), deve ser mais uma daquelas conversas que só adultos entendem. Além do mais estava ansioso para saber notícias de sua castanha.

- Vovó, cadê meu pé-de-castanha?

A avó sorriu, seria bom mudar de assunto, esquecer um pouco as dívidas e os problemas do sítio.

- Venha cá meu netinho. Venha com a vovó, vamos ver sua linda árvore!

Pedrinho foi à frente, apostando corrida com o cachorro. A avó chamou os outros: vamos todos ver o cajueiro, depois falamos em dinheiro.

De longe Pedrinho avistou uma árvore frondosa, com galhos já fortes. Era ainda pequena, mas não para Pedrinho que já se dependurava em seus galhos. Sua mãe chamou a atenção: cuidado para não cair.

Foi o avô quem primeiro viu e avisou ao Pedrinho que a sua árvore já tinha até flores.

- Pode-se comer? Pedrinho queria saber.

Ainda não, respondeu sua mãe. O que se come é o caju.

Pedrinho bem que já conhecia o caju. Já tinha visto na feira, na fotografia e mesmo nos livros, até já tinha tomado o suco. O que ainda não sabia era que o caju nascia do “pé-de-castanha”.

Sua mãe lhe explicou que não existe pé-de-castanha e sim o pé-de-cajú ou cajueiro.

Há bom! Disse Pedrinho meio desapontado. Mas... muito imaginativo, arranjou logo uma solução: se podia lhe dá um nome, poderia chamá-lo para sempre de pé-de-castanha.

Que assim seja! Disse o avô tristonho. Vamos voltar para casa, tenho outros afazeres.

Iam à frente o avô, a avó e o pai de Pedrinho, mais atrás vinha sua mãe, segurando-lhe a mão. Eles conversavam coisas que Pedrinho ainda não podia entender. Falavam palavras estranhas como “trocar”, “penhorar” e “vender”.

Pedrinho olhava para trás, ainda avistava o bonito cajueiro em que havia se transformado a sua castanha de brinquedo.

A visita desta vez foi rápida e Pedrinho logo voltou para sua casa na cidade.

3

A última vez no sítio (que já não era mais da avó)

Passado algum tempo, desde a última visita ao sítio da avó, Pedrinho sentia saudades de pisar na terra, dos bichos, das brincadeiras. Lembrava-se de quando apostava corrida com o cachorro do avô e, claro, do seu cajueiro. Queria voltar ao sítio.

O pai ficou meio sem jeito. Não poderiam voltar ao sítio, por que...

- Sua mãe explicaria melhor (disse meio sem jeito).

A mãe disse que era por causa de uma tal “crise econômica”, que “os tempos se tornaram difíceis” e seu avô teve que vender o sítio. Assim, não poderiam mais visitar a árvore.

Pedrinho ficou muito triste, não teve como segurar. Era já um homenzinho, mas aquilo lhe deu um aperto no peito. Começou a chorar.

Sua mãe também ficou triste, pensou consigo mesma: há de ter uma solução.

Passados alguns dias, a mãe disse ao menino toda contente:

- Resta um consolo! Falei com os novos donos e consegui permissão para poder visitar o cajueiro. Vamos lá nas suas próximas férias.

Chegado o grande dia, foram os três para o sítio.

A primeira visão foi meio desoladora. O casarão estava abandonado, virou uma tapera aquele lugar que para Pedrinho era encantado.

Sem motivos para demora, foram direto ao cajueiro.

Era agora uma árvore imensa com uma grande copa ensombrada. Não tinha nenhuma fruta, flor ou castanha. Ao que sua mãe explicou: não era tempo. Com certeza uma árvore tão grande e formosa fascinaria aos viajantes que por ali passassem com sua copa estrelada de flores e frutos.

- Tudo a seu tempo. Completou o pai.

Pedrinho aproveitou o tempo para curtir a aconchegante sombra e subir nos galhos do cajueiro. Pendurava-se de cabeça para baixo, para espanto da sua mãe, que se apressava em mandá-lo descer.

Depois de muita brincadeira, Pedrinho pediu a sua mãe que tirasse uma foto daquela árvore bonita em que tinha se transformado o cajueiro.

Após algum tempo, seus pais o chamaram de volta à realidade. Era hora de voltar para casa.

4

A história para contar

Quando voltou às aulas, a professora pediu que todos trouxessem uma foto e contassem uma história do que mais tivessem gostado nas férias.

Pedrinho levou a foto do cajueiro e contou sua história aos colegas com uma riqueza de detalhes que conseguiu chamar a atenção de toda classe. Todos ouviram atentos a história do cajueiro.

Ao final, Pedrinho falou que embora hoje soubesse que a castanha plantada faz nascer o cajueiro, fez questão de escrever no verso daquela foto para que todos pudessem ler:

- Embora essa imagem possa parecer um simples cajueiro, para mim, sempre será a foto do “pé-de-castanha”, que me traz boas lembranças dos meus primeiros anos de infância.